

Nietzsche X Kant de Oswaldo Giacoia Jr

Oswaldo Giacoia Jr's Nietzsche X Kant

Danilo Bilate*

GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, São Paulo: Casa do saber, 2012.

Para o leitor acostumado com livros de filosofia que se restringem à historiografia, talvez pareça estranha a confrontação entre dois autores de épocas tão diferentes, como a proposta por Giacoia Jr. entre Kant e Nietzsche. Digamos nós que essa estranheza nasce de uma concepção embotada e empobrecida da filosofia pela sua submissão à história, ou melhor, a um tipo específico de historiografia que o próprio Nietzsche negou desde seus primeiros textos, em especial na segunda das suas *Considerações extemporâneas*. Que essa forma de se fazer história, com seu descaso ao presente e ao futuro, negue a possibilidade de comparação entre épocas díspares, por considerá-la perigosa para o descobrimento da verdade histórica encoberta num ponto preciso do passado, é algo que não podemos senão ignorar por escolha deliberada. Sem dúvida, Giacoia Jr. faz uma gentileza quando propõe iniciar seu livro a partir de “esclarecimentos preliminares sobre um confronto extemporâneo”.

Mas mesmo o leitor que, como nós, despreze qualquer tentativa de proibição de tal confrontação, permanece agradecido ao autor por essa gentil seção de “esclarecimentos”. Nela, somos inspirados por uma proposta de historiografia que se alia à filosofia, ao invés de submetê-la; que pesquisa o passado para pensar o presente e o futuro, ao invés de se fechar na pesquisa e fechar à vida toda a força potencial da investigação histórica. Ao propor um confronto extemporâneo, no âmbito da velha e decantada história da filosofia, Giacoia Jr. se arrisca e se joga no terreno sempre fértil da filosofia. E se cabe algum lamento após a leitura de *Nietzsche X Kant* ele se dá apenas devido à falta de uma conclusão com a coragem e a altivez tão presentes nos

* Doutor em Filosofia pela UFRJ e pela Université de Paris I. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: danielbilate@yahoo.com.br

“esclarecimentos preliminares”¹. É provável que o autor tenha previsto esse lamento e que tenha deixado ao leitor, como um convite, a tarefa de pensar o presente a partir da confrontação histórica. Assim, por exemplo, o conceito de dignidade humana – que, como lembra Giacoia Jr. nos “esclarecimentos”, norteia a moralidade de nossa cultura –, pode então ser radicalmente questionado. Tendo o questionador clareza dos argumentos usados por um dos maiores defensores de tal conceito, Kant, ele pode compreender o sentido da genealogia e aplicá-la à investigação da noção de dignidade e, por essa via, ser capaz de pensar os grandes problemas éticos atuais, como os relativos ao aborto, à eutanásia ou à pena de morte, dentro de uma nova e mais rica perspectiva.

Após os “esclarecimentos” e uma pequena introdução, o livro se abre a uma primeira grande seção, dedicada à exposição da ética kantiana, nomeada pelo autor como um “primeiro movimento”. Com mestria, rigor filológico e, especialmente, com uma clareza invejável a muitos comentadores de Kant, Giacoia Jr. passa por todos os principais conceitos éticos do filósofo, desde o de liberdade e o de imperativo categórico, a distinção entre caráter inteligível e caráter empírico, até o de consciência moral. Fechando essa seção, o autor ainda acrescenta um apêndice com trechos de textos kantianos que ilustram seus comentários, o que será feito também na seção dedicada a Nietzsche.

Antes de inaugurar tal seção, entretanto, Giacoia Jr. escreve um pequeno “interlúdio sobre Schopenhauer” que, mais do que uma nova gentileza do autor ou um mero *interludium* que nos mantenha num descanso lúdico, expõe a via de ligação necessária entre kantismo e nietzschianismo, via que foi percorrida precisamente por Nietzsche e que não deve ser ignorada por uma investigação histórica rigorosa. Se Schopenhauer influencia de um modo ou de outro a concepção de uma “vontade de poder”, é ele quem – preso aos pressupostos da *Crítica da razão pura*, e notadamente da Estética Transcendental –, tenta refundar a moral sobre a areia movediça que resta tanto após a primeira edição da *Crítica*, como após a sua própria compreensão de uma Vontade cega e absurda que constituiria o mundo.

É ao ter em vista o quanto a doutrina schopenhaueriana do caráter e a sua definição de liberdade restam insatisfatórias para a fundação ou refundação da moral, que se torna possível entender a importância do pensamento de Nietzsche no que se

¹ Em verdade, há um segundo lamento que, no entanto, não merece mais do que esta nota. Trata-se do descuido em relação a aspectos formais do texto que uma revisão adequada não teria. Citações muitas vezes não se destacam do texto – nem ao menos com aspas! – de modo que um leitor desavisado é incapaz de diferenciar o que é de Kant / Nietzsche e o que é de Giacoia Jr.

refere aos grandes temas éticos centrais do livro – liberdade, autonomia e dever – e à própria ideia de uma ética como disciplina filosófica. Dignas de registro são a leveza e a naturalidade, nascidas certamente de boa coragem, com que Giacoia Jr. trata de uma ética nietzschiana ou, ao menos, de um “pensamento ético de Nietzsche”, uma ética que o autor define como “estilística da existência” (p. 147). Bela é sua interpretação do uso nietzschiano do “torna-te o que tu és” pindariano, como uma “tarefa prometeica” de assunção de uma “identidade pessoal” que só pode se dar ao “final de um percurso” e ser conquistada apenas “na trajetória da *bio-grafia*, na linha traçada por nossas escolhas e nossos feitos, compondo a unidade de um estilo” (p.177). Não estaria aí a chave para uma ressignificação da liberdade e da autonomia, como tarefa própria unicamente ao indivíduo em sua trajetória? Para lembrar um trecho de *Schopenhauer como educador*, que Giacoia Jr cita: “Ninguém pode construir para ti a ponte sobre a qual precisamente tu tens de passar sobre o rio da vida, ninguém além de ti mesmo”. A inexorabilidade da tarefa, que ela não possa ser compartilhada, que ela seja própria tão somente ao indivíduo, ao *responsus*, àquele que garante, ao fiador, àquele único corpo que pode responder por sua tarefa singular – não estaria aí a chave para a ressignificação do dever e da responsabilidade? Giacoia Jr. responde a essa pergunta, que não é mais do que um anseio de nossa época, ao explicar que a tarefa “exige um reapropriar-se de si pela recuperação da faculdade de responder como sujeito das próprias ações e deixar de ser agido” (p.240).

É certo que, ao fazê-lo, o autor expõe o que na letra nietzschiana está apenas parcialmente explícito – mas não seria essa a tarefa do filósofo que *usa* a história como aliada da filosofia? Não queremos e não devemos dar espaço a essa preocupação. Fato é que a ideia de uma autonomia e de uma responsabilidade, concebidas em ou a partir de Nietzsche, como uma “lei personalíssima, própria de um senso de responsabilidade tornado ‘extramoral’” (p.241), é algo que responde à crise da nossa cultura ou, ao menos, é um convite para pensarmos em como responder a ela.

Recebido em: 28/10/2012 – Received in: 10/28/2012

Aprovado em: 16/12/2012 – Approved in: 12/16/2012